

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

OS CAMINHOS DO MESTRE JOÃO

THE PATHS OF MASTER JOÃO

DOI: 10.18616/lendu.v8i2.9451

Gladir da Silva Cabral¹
Richarles Souza de Carvalho²

RESUMO

Propomos neste artigo um exercício de memória e uma singela homenagem ao Mestre João Francisco Marques Monteiro, que contribuiu generosamente para o desenvolvimento e qualificação do curso de Letras da Unesc (Universidade do Extremo Sul Catarinense). Organizamos o texto em duas partes principais (dois caminhos): uma destacando a formação e atuação no trabalho educacional e outra destacando sua criatividade e maestria como compositor de música popular brasileira, em especial do samba. Na primeira parte, relacionamos o caminho com um referencial teórico utilizado pelo próprio Mestre João em sua dissertação de mestrado: Freire (1989), Soares (2000), dentre outros. Na segunda parte, utilizamos autores que versam sobre música, futebol e cultura popular, como, por exemplo, Tatit (2016) e Wisnik (2008, 2021). Este memorial de algumas atividades do mestre João apenas ratifica sua capacidade criativa e presença brilhante, o que fica registrado sobretudo nas letras de suas canções, mas também nos inúmeros, e ainda constantes, depoimentos daqueles que com ele se relacionaram.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Educação. Samba. Canção.

ABSTRACT

We propose in this article an exercise of memory and a simple tribute to master João Francisco Marques Monteiro, who generously contributed to the development and qualification of Letras undergraduate course from Unesc (Universidade do Extremo Sul Catarinense). We organized the text into two main parts (two paths): one highlighting his formation and performance in education and the other showing his creativity and mastery as a composer of Brazilian popular music, mainly the samba. In the first part, we relate the path to a theoretical framework used by Master João himself in his master's dissertation: Freire (1989), Soares (2000), among others. In the second part, we use authors who deal with music, soccer and popular culture, such as Tatit (2016) and Wisnik (2008, 2021). This memorial of some of Master João's activities only confirms his creative capacity and brilliant presence, which is recorded mainly in his songs, but also in the several, and still constant, testimonies of those who interacted with him.

KEYWORDS: Memory. Education. Samba. The Song.

1 INTRODUÇÃO

O filme italiano *Il Buco*, dirigido por Michelangelo Frammartino, conta a história do descobrimento e exploração em 1961 de uma das cavernas mais profundas da

¹ Doutor em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários pela UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Docente do curso de Letras da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense).

² Doutor em Ciências da Linguagem pela UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina). Docente do curso de Letras da UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense).

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

Terra: o Abisso del Bifurto, que fica na região da Calábria, no sul da Itália. Ao mesmo tempo, o filme vai mostrando os últimos dias de vida de um velho pastor de ovelhas. O clímax do filme acontece quando a equipe de paleontólogos chega ao fim da caverna, que coincide com a morte do velho camponês. O filme faz coincidir o mergulho no profundo da caverna com o mergulho no mistério da vida humana. Ao final da experiência fílmica, a sensação de que a vida humana é mais profunda do que a mais profunda caverna deste mundo. Isso faz lembrar as palavras de Alberto Manguel na série de curtas da RTP intitulada *A Vida Secreta dos Livros*, quando ele diz: “Ninguém pode chegar à essência de uma pessoa”. Tendo isso em mente é que nos aproximamos da história do professor João Monteiro no curso de Letras da Unesc. Este texto é uma tentativa de identificar seus rastros na trilha misteriosa do que chamamos vida, sem pretender dar conta de tudo e descobrir a essência. Se há uma essência, ela nos escapa.

Um homem nunca está sozinho, por mais que lhe impressione os olhos a figura da estrela solitária. Ele é sempre o homem e suas relações, o homem e suas circunstâncias, como dizia José Ortega y Gasset em sua obra *Meditações do Quixote* (1914). João nunca foi só uma pessoa, e não que isso seja pouco, mas um caminho para muitas outras pessoas que foi conhecendo ao longo do caminho. E na procura pela pessoa, encontramos um olhar atento ao mundo, ao que está fora dele mesmo, uma busca, uma tentativa de entender a realidade e sambar com ela. Ele foi um mestre à procura de uma ponte para os estudantes. Foi um pesquisador à procura de uma resposta, ou melhor, de uma nova pergunta. Foi um torcedor apaixonado pelo seu Botafogo, um amante incurável do futebol. Foi um sambista em contínua procura do tema para um novo samba enredo. E foi um humorista à procura da anedota perfeita.

João revelou uma capacidade admirável para dialogar com a criança e o adolescente. Possuía um destemor total diante do ridículo - de festas de São João a quermesses, fantasias e disfarces. Sua presença não intimidava, não constrangia. Sua alegria contagiava a quem estivesse perto. Compreendia que seu trabalho como professor era na verdade o de um agitador cultural e social. Interessava-lhe provocar o movimento, instigar o riso que ativa a emoção, captura a atenção, a emoção e permite a reflexão ao mesmo tempo. Neste artigo-homenagem, apreciamos duas dimensões da trajetória do mestre João: sua relação com a educação e suas criações musicais.

2 O CAMINHO DA EDUCAÇÃO

João Francisco Marques Monteiro (mais frequentemente chamado por João Monteiro) nasceu no Rio de Janeiro em 1965 e lá aprendeu a amar o mar, o morro, o samba, a linguagem e o conhecimento. Lá iniciou sua formação básica em colégios públicos da cidade. E de lá veio para Criciúma (SC) em 1987, graduando-se em Letras pela Unisul (Universidade do Sul de Santa Catarina) em 1995 e especializando-se em Língua Portuguesa e Textualidade pela Unesc (Universidade do Extremo Sul Catarinense) em 2002. Em 2013 tornou-se mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesc, apresentando a dissertação intitulada *As letras de canções brasileiras nas apostilas e nos livros didáticos*. Atuou como professor no Ensino Médio, no Colégio Unesc (na época Colégio de Aplicação da Unesc), e no ensino superior desde 1996. Ultimamente, João também estava atuando no ensino público de Criciúma e na Faculdade do Vale do Araranguá, até seu repentino fim em 2018. Sua paixão pelo ensino o levou a optar pela educação e, nesse meio, a escolher especificamente o ensino de linguagem. Na Unesc, Mestre João lecionou disciplinas como Língua Portuguesa, Língua Espanhola, Produção e Interpretação de Textos, entre outras.

E mergulhando mais fundo nesse desejo de atuação na educação, João buscou aperfeiçoamento em nível de especialização e mestrado. Em sua dissertação de mestrado, analisou como canções populares brasileiras aparecem e são tratadas nas apostilas e nos livros didáticos do ensino médio em escolas da cidade de Criciúma. João adentrava o universo do ensino de linguagem e de literatura, seja a ficção, seja a poesia e seja até mesmo a canção, essa forma leve de conhecimento.

A dissertação nasceu da própria experiência do Mestre João em sala de aula ao constatar enunciados pouco significativos nos livros didáticos utilizados nas escolas da região, diante da riqueza textual e educacional que é o fenômeno da música popular brasileira. O problema de pesquisa nasceu de sua própria vivência “no chão da escola” a partir de dois artefatos preciosos em seu ofício de professor: o livro didático e a canção popular.

Na trilha de Marcos Napolitano, Mestre João vê a canção popular não apenas como veículo de ideias interessantes, mas como dispositivo para “pensar a sociedade e a história” (Monteiro, 2013, p. 18). Ele tomou como referência a obra *História & Música*:

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

História cultural da música popular, de Marcos Napolitano, um estudo sobre o uso da música popular no ensino de história, mas com conexões interdisciplinares com os campos da história cultural, da sociologia e dos estudos de música. Como Napolitano, João reconhece a potência educativa e testemunhal que há na canção popular brasileira, aplicável a várias disciplinas das ciências humanas, como a história, a sociologia, o ensino de línguas, etc. E isso é algo que José Miguel Wisnik também reconhece: no Brasil a canção não é apenas distração barata para alegria das massas sem acesso a outras formas de cultura, mas constitui-se, ao lado do futebol, o meio mais importante de construção da identidade nacional, elaboração de uma crônica social e fonte de conhecimento legítimo. Ela permeia e transita entre a chamada “alta cultura e as produções populares” (2021, p. 15), uma relação complexa, muitas vezes problemática.

João reconhece, no entanto, que toda essa riqueza a ser explorada didaticamente é muitas vezes mal aproveitada no contexto escolar por meio de exercícios gramaticais mecânicos ou limitados a “proposições temáticas superficiais e a analogias intertextuais breves” (Monteiro, 2013, p. 19). João também compreende a canção popular brasileira como constituinte de um acervo da nossa própria identidade nacional. Somos o que cantamos, ou melhor, cantamos o que pensamos que somos e o que gostaríamos de ser a partir de nosso olhar espantado para o outro ao nosso redor, aquele que é diferente de nós e que também nos constitui. De tão ricas e cheias de alusões a diversas textualidades, inclusive literárias, nosso cancioneiro popular pode oportunizar várias atividades pedagógicas interessantes relacionadas ao aspecto da interpretação textual e da própria intertextualidade.

Para subsidiar sua análise do livro didático, João se ampara ainda em Marisa Lajolo (1996) e Magda Soares (2000), duas pesquisadoras que dedicaram um bom tempo de suas carreiras à análise dos materiais didáticos e paradidáticos utilizados na escola brasileira. Entretanto, duas referências teóricas são fundamentais para sua dissertação no que diz respeito à concepção de linguagem e de leitura: Mikhail Bakhtin (2003) e Paulo Freire (1989). Como ele mesmo reconhece, “Bakhtin considera o exercício da fala em sociedade como o único objeto material e real do qual dispomos para entender a linguagem humana” (Monteiro, 2013, p. 25). E é nesse arcabouço que João vê a canção popular, como um enunciado historicamente e materialmente determinado, um acontecimento singular. A canção é um diálogo que acontece em muitos contextos, inclusive nas páginas de um livro didático ou entre as paredes de uma sala de aula. A João

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

interessa muito a ideia de linguagem como “construto social” e como elemento catalisador da subjetividade humana. Na lista das referências teóricas utilizadas em seu trabalho, João elenca ainda a contribuição da pesquisadora Eni Orlandi (2003; 2004), mostrando a relação constitutiva que existe entre linguagem, ideologia e sociedade.

De Paulo Freire, João se apropria da noção de consciência crítica realizada por meio da leitura de mundo e da palavra. Ele também faz lembrar o argumento freireano de que leitura e escrita são inseparáveis, eventos históricos que acontecem no mundo, em sociedade. Mais do que exercício de memorização, a leitura é, para Freire (1989), compreensão de mundo.

Em seu trabalho, João analisa três materiais distintos: dois livros didáticos e uma apostila utilizada no Ensino Médio na cidade de Criciúma (SC), todos produzidos por editoras diferentes no ano de 2013. Seu objetivo é ver como as canções aparecem nos livros e como são trabalhadas pedagogicamente por meio do tipo de atividades propostas para cada canção. Ele percebe que os diferentes editores utilizam canções oriundas de diferentes épocas da história brasileira, via de regra selecionadas tematicamente de acordo com interesses pedagógicos específicos de acordo com o conteúdo gramatical da unidade. João percebeu também que o contexto histórico de produção das canções não é explorado nos livros, o que limita bastante a utilização da obra em sala de aula. Como pontua João, “nega ao aluno e ao professor uma série de aportes para o entendimento das letras e da própria significação do tema no seu encaixe cronológico e social” (Monteiro, 2013, p. 113).

Outra constatação que João faz em seu trabalho é a fragmentação do texto das canções. Elas não aparecem de modo integral, mas sempre apressadamente e parcialmente, o que configura prejuízo para os que vão estudá-las. A justificativa é a objetividade de focar na análise linguística ou em algum aspecto formal da linguagem. No entanto, o preço que se paga é a perda da visão do todo da estrutura da canção, sua forma completa, o que interfere no devido exercício interpretativo. A análise é sempre feita a partir de um fragmento, quando há plena possibilidade de utilização do artefato no seu todo.

Um aspecto particularmente curioso que João destaca em seu trabalho é o das canções utilizadas pelos materiais didáticos para apresentar exemplos de variação linguística, em contraste com a norma culta. Entretanto, tais momentos não são acompanhados da contextualização histórica e social que dá origem às canções, o que

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

limita bastante a compreensão da música e a execução do exercício. Nesse caso, “os propósitos e as circunstâncias que compõem os atos de comunicação” são completamente ignorados (Monteiro, 2013, p. 114). Algumas atividades com canções destacam sua riqueza em termos de intertextualidade em relação a outros gêneros que circulam em nossa vida social.

Outro detalhe importante que Mestre João destaca tem a ver com a frequência com que questões utilizando letras de canção ocorrem nos exames vestibulares. Isso se reflete no material didático, que tenta contemplar tal característica e suprir uma necessidade objetiva do sistema educacional. Enfim, nada é fortuito no que diz respeito ao material didático. Quando nele são incluídas letras de canções é porque há uma demanda por esse tipo de conteúdo mais à frente, assim como também há um indicativo nos documentos oficiais para utilização de tais gêneros textuais. À época, Mestre João se valeu dos PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais, contudo, aqueles direcionamentos seriam posteriormente ratificados na atual BNCC - Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017).

Leitor voraz, estudioso de outros idiomas, João exercia com inteireza e dignidade o ofício de professor de língua portuguesa. Toda sua cultura, formação educacional e musical apareciam em sala de aula em momentos cuidadosamente planejados pedagogicamente, e também momentos de puro improviso e criatividade. O que se via em sala de aula não era apenas seu saber da linguagem, mas seu amor pela arte e seu humor contagiante e irresistível.

Na seção seguinte, vamos conhecer outra dimensão marcante da caminhada do Mestre João: o de cantor e compositor de música popular brasileira, mais especificamente da tradição do samba carioca. Paralelamente ao seu trabalho de professor, a atuação artística configura seu modo de interpretar e escrever a vida.

3 O CAMINHO DO SAMBA

Não é exagero falar sobre a importância da música na vida do Mestre João. Sua mente estava sempre ocupada em terminar um verso, registrar no papel uma estrofe que acabou de nascer, cantarolar insistentemente uma frase musical que não saía da sua mente. Enfim, João muitas vezes interrompia suas atividades cotidianas para alinhar um retalho de canção ou dar um nó de arremate em um novo samba. Em seus últimos

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

anos conosco, participou atividade de saraus de música e literatura, organizados por ele mesmo e por outros professores do curso de Letras. Nestas ocasiões era possível deleitar-se com suas criações, rimas e sotaque carioca.

Dentre os vários gêneros musicais que conhecia e dos quais gostava, o samba reinava soberano. Ao longo de sua caminhada com a música, estava envolvido na produção de inúmeros sambas de roda, pagodes, partido alto e sambas-enredo. Ele fez parte da ala de compositores de diversas escolas de samba do Rio de Janeiro; um nome de escola de samba que frequentemente se ouvia de sua boca era a Portela, todavia nunca soubemos qual era a escola de samba favorita de João.

Suas canções desenvolvem várias temáticas, como o amor, a beleza, a amizade, a liberdade e sobretudo as relações humanas. O samba-canção intitulado “Verde e Branco”³, por exemplo, escrita em parceria com Rodolfo Caruso e Orlando Rey, apresenta um personagem bem vestido, de verde e branco, usando um chapéu panamá e portando garbosamente o seu tamborim. Ele se prepara para sair de casa e dar um passeio pela rua, indo até o botequim, onde os amigos o aguardam, uma cena típica do subúrbio carioca, de onde João veio e lugar que conheceu tão bem. O verde e branco sugerem o pertencimento a uma escola de samba, talvez a Mocidade Independente de Padre Miguel ou Imperatriz Leopoldinense, não sabemos ao certo. O personagem da canção possivelmente participa da ala dos compositores desta escola. O samba é uma celebração da amizade e da vida. Esse personagem mora no morro, por isso “desce a ladeira”, e é alguém que tem particular apreço pela música, pois cantarola “alguns versos” ao som do tamborim. Essa é a figura humana do “*homo sambae*” ou do “*homo musicae*”, daquele que está para além do interesse profissional ou do mundo do trabalho, da obrigação. Ele vive o momento da fruição da vida, do bem viver, que encontraria em Alberto Flores Galindo sua mais clara expressão como a dimensão utópica da vida humana, plena de liberdade, igualdade e solidariedade comunitária, ou como Alberto Acosta define: “uma filosofia de vida que abre as portas para a construção de um projeto emancipador (Acosta, 2016, p. 40).

Tudo na canção, ritmo, melodia, cadência, a luminosidade das palavras escolhidas para construir os versos, tudo aponta para o bem viver. Esse é um samba da alegria partilhada, um samba de contemplação e experiência da vida humana, um samba para usar as categorias de Luiz Tatit, muito mais *entoativo* do que passional, um

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZmlFFJ7eaTo>

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

samba de conjunção, de encontro entre o ser *desejante* e o objeto do desejo (Tatit, 2016). Tudo nela é antecipação de um júbilo próximo e tão aprazível, já que seu caminho não é de subida sacrificial e árdua, mas de descida leve e ritmada.

A canção é inteira uma peça figurativa, isto é, conta uma história, apresenta uma personagem que se torna presente diante de quem ouve a canção. A personagem vai ao botequim “pra celebrar a amizade, / pra agradecer esta vida, / adormecer a saudade, / tocar a ferida”. De certa forma, pode-se ver nas frestas desses versos a vida de alguém que conhece a saudade e que traz consigo as suas feridas. Portanto, longe de ser uma experiência idealizada de uma felicidade perfeita, tem-se aqui o reconhecimento de alguém que também aprende a lidar com algum tipo de frustração e de dor.

Há um quê de terapia nessa ida ao botequim, é a terapia que vem pela experiência da arte, do encontro com os amigos, da fruição do sagrado descanso que o samba representa. Os amigos estão sentados à roda na cidade. O cenário aqui é urbano e fraterno. E o que o personagem compartilha em suas conversas na roda de samba com os amigos? “Falei de outro tempo e da mulher amada, / e do mundo que um dia eu sonhei”. Sua confissão com os amigos estabelece o foco em outro tempo, no passado certamente, no reino dos afetos simbolizados pela mulher amada e dos sonhos de um futuro quem sabe feliz, idílico. Mas a conversa também inclui o tempo presente e a tarefa ou o desafio de “plantar a felicidade, ver a fé revivida”, e também o desejo de “abraçar a verdade e encontra a saída”. Há uma potência nesse personagem, um desejo de construção e fruição da vida, que também é uma confissão de que, por enquanto, ainda não se encontrou a saída, embora, pelo clima sereno da canção, ela pareça tão próxima e viável. E é viável na medida em que é comunitária, coletiva. O sonho desse homem se realiza na concretude de outros homens, de companheiros com os quais irá partilhar esse momento precioso de vida. A canção breve e leve deixa para nós um sutil vislumbre de uma cidade e de um mundo onde a cordialidade, a arte e o encontro entre amigos se tornam essenciais.

Outra preciosidade musical da obra de Mestre João é o samba “Isso é ser brasileiro”⁴, uma obra de celebração e conjunção. Não é lamento, não há separação nem paroxismos de dor. O que há é muita ironia e um toque de humor para falar da realidade do povo brasileiro. É uma canção que tematiza a identidade nacional a partir de nossas contradições – e há muitas. A primeira contradição na canção envolve as obrigações, tarefas, imposições e expectativas envolvendo a labuta do brasileiro, que tem que “suar a

⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=toLGL8vJBa4>

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

camisa”, “fazer bem bonito”, “ser vitorioso, mesmo ganhando no grito”. Que brasileiro é esse da canção? Certamente não é o da Avenida Paulista, da Faria Lima ou Zona Sul do Rio de Janeiro. Ao contrário, esse é o brasileiro trabalhador que mora no subúrbio e luta para ganhar a vida com arte e entusiasmo, apesar de todos os reveses da vida.

A canção faz lembrar muito o estilo samba-canção de Paulinho da Viola, pois circula na mesma órbita e transpira a mesma atmosfera e tem a mesma genética. São canções irmãs. A canção de João se aproxima bastante do samba de Paulinho “Coisas da vida, minha nega”. João usa inclusive a expressão “nego”. É que o tema, a linguagem, o gênero musical, o cenário, o contexto social e cultural da canção é o mesmo – o Rio de Janeiro, seus subúrbios, morros e bairros da Zona Norte, seus personagens típicos e seus becos das garrafas, sua linguagem coloquial. No fundo, musicalmente falando, João não se afastou do Rio, trouxe-o consigo para Santa Catarina, com bagagem, violão e cavaquinho. Espiritualmente, continua lá, ou transplantou para cá seu jardim, o que é admirável e encantador. Sua presença entre nós nos vem com uma tradição cultural e musical que faz parte da essência do ser brasileiro.

Uma das características essenciais do brasileiro da canção do Mestre João é a resiliência, aquele jeito de seguir em frente, “mesmo pegando pesado”, isto é, trabalhando muito durante a semana. Ainda assim, esse brasileiro consegue um espaço em sua rotina semanal para um “show”, sendo obrigado a todo dia “marcar o seu gol”, uma inequívoca presença da metáfora do futebol. A canção fala que outra característica do brasileiro é “ter um toque de classe”, algum sinal de fineza, talvez gentileza ou sofisticação, seja “no campo, na rua ou terreiro”, o que delimita alguns espaços importantes de ocupação desse “*homo braziliensis*”, o espaço do lazer, ou seja, do esporte e da socialização, o espaço público, do bairro, da comunidade, e o espaço religioso, do terreiro, que é também o espaço da música ritual e da dança do sagrado, a “eterna linha de passe”, possíveis referências às religiões afro-brasileiras. Não é desconhecida de nós a origem religiosa do samba, suas raízes mais profundas (Cabral, 2011). Mesmo não sendo um homem religioso, a sensibilidade musical e criativa do Mestre João percebe o lugar da expressão religiosa para a formação da personalidade do brasileiro.

A canção também descreve o ser brasileiro como trazendo em si um toque de artista, mas aqui entendido num sentido plural, não apenas no fazer e lidar com a arte, mas administrar e equilibrar as próprias contradições cotidianas, como a de “ficar sempre na mesma, depois de tanta conquista”. Ou seja, há aqui um típico toque de humor do João,

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

um humor muito particular, jamais constrangedor ou ofensivo em relação ao outro, ao estranho ou ao desprivilegiado. Esse é aquele humor que consegue rir de si mesmo. Mestre João escreve a canção a partir de sua própria condição de brasileiro. Ele utiliza expressões cotidianas como “ter que cortar um dobrado”, que se origina no ofício dos marinheiros ao cruzarem grandes distâncias para contornarem cabos e promontórios, isto é, o brasileiro trabalha muito e extenuadamente, sendo obrigado a cumprir suas tarefas de jeito mais penoso. O homem da canção tem, inclusive, de “ter superado aquilo que é impossível”. E vem mais humor quando a voz da canção afirma que o brasileiro tem de receber uma visita, mas sem estar preparado, o que nos faz lembrar da canção “Feijoadá Completa” de Chico Buarque, quando o marido avisa a esposa que vai levar muitos amigos para visitar e comer em sua casa.

Concluindo a canção “Isso é ser brasileiro”, o poeta confessa explicitamente que ser brasileiro é ter em si uma boa dose de humor, e aí o poeta faz referência ao “verde e amarelo” da bandeira nacional ou da camisa da seleção brasileira e à cor morena. Ao final, grandes contradições se apresentam: “ser subdesenvolvido tendo riqueza de monte” e “receber ‘boa noite’ dormindo embaixo da ponte”. Alegria e desamparo, fragilidade e força. José Ramos Tinhorão, em sua obra *Os Sons dos Negros no Brasil* (2008), pondera sobre a influência do samba na cultura brasileira e na construção da identidade do nosso povo. O samba está no DNA de nossa identidade nacional.

Uma canção do Mestre João que foge ao seu estilo mais frequente intitula-se simplesmente “Uma canção assim”⁵ e é uma pérola de beleza, sensibilidade e poesia. Foi escrito num ritmo dançante de 6/8, tem uma melodia muito acentuada e original e uma letra solar, marcada pela esperança e pelos afetos humanos. A canção tematiza a própria canção numa perspectiva de metalinguagem; é, portanto, uma ‘metacanção’. A letra vai decantando as possibilidades dessa canção, não qualquer canção, mas uma canção singular, específica. “Uma canção assim faz abrir as janelas. / O menino vai sorrir e a musa vem cantar”. A canção também “faz brilharem as estrelas. / Todo o jardim vai florir e a lua vem brincar”. A parte B da canção começa com notas um pouco mais altas e fala de risos, brilhos, “tantas bocas, tantas palmas, tanta emoção. / Tantas cores, mil amores. / Tantos momentos. / Tantos sentimentos cabem nessa canção”; uma canção que provoca emoção, seja pelo ritmo envolvente, pela letra poética ou pela voz emocionada do eu lírico.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=toLGL8vJBa4>

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

Na segunda metade da canção, volta-se à parte A e às coisas que a canção faz, como trazer “o povo pra rua”, pois “o coração vai falar” e retirar da inércia em que todos se encontram, pois pelo visto, tal como no poema de Drummond, essa canção quer “acordar os homens e adormecer as crianças”. O povo nas ruas dá a ideia da coletividade, de experiência comunitária, algo que está para além do solipsismo romântico ou da modernidade. A alegria é coletivizada. Essa mesma canção “diz que a vida continua. / A esperança vai luzir e a cidade vai sonhar”. De novo, a afirmação da experiência coletiva. Então repete-se a parte B. Há algo aqui que faz lembrar “Vilarejo”, na voz de Marisa Monte, o mesmo sonho de utopia, o mesmo desejo de paz, com algumas diferenças: a utopia do Mestre João parece mais próxima, mais realizável (não tem Shangri-La), e sabe que é apenas uma canção (consciência de que é metalinguagem).

Para José Miguel Wisnik, a canção é mais que uma manifestação popular ou de arte do povo, ela é uma forma de conhecimento. Nesse sentido, há plena coerência entre o João professor e o João sambista, entre o mestre e o músico João. Mas que tipo de ciência seria essa da canção? Wisnik faz lembrar a compreensão de Nietzsche sobre a canção, fenômeno que chamava de “o pensamento alegre”, um “pensamento que se realiza em suportes leves, sem as mediações mais duras e sisudas, e que atravessa regiões de discurso e formas artísticas, seja a literatura, artes plásticas, música, filosofia ou qualquer outro modo de pensamento social” (Wisnik, 2021, p. 10-1). Nesse sentido, a canção popular brasileira, da qual as canções do Mestre João são belos exemplares, seria uma manifestação histórica do que seria a *Gaia Ciência*, “um saber poético-musical constituído através de uma densa educação sentimental difusa, com criação vigorosa e singularidade” (p. 11). É isso, Mestre João é um exemplo de uma ciência que se faz com alegria.

A quarta canção intitula-se “Grito de gol”⁶ e revela a paixão do Mestre João pelo futebol. É a última canção que ele postou na plataforma *YouTube*, acompanhado ao violão. O ritmo é bossa-nova, que parece vir da galáxia de Chico Buarque. Os acordes são todos muito dissonantes, fugindo um pouco ao padrão do samba-canção, um som mais intimista, diferente do contexto do pagode ou da roda de samba. A canção traz uma sequência de imperativos, de ordens de comando, todas oriundas do campo semântico do futebol:

Vambora, simbora tocar / Rola a bola pra frente / Pra frente, que a gente nem sente o tempo passar. / Estique do pique, não fique dando de presente / Pra trás

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=75A3KYfwBXo>

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

e pro lado, / A galera assim não vai gostar. / Passa da intermediária / maneira arbitrária mas tendo noção. / Subindo pelas tabelas, tanto que tabelou. Faz a cabeça da área e vai chover na zona do agrião. / Foge da nossa garganta o grito de gol.

A primeira parte termina no grito de gol que se repete ritmadamente ao final do verso.

A segunda parte da canção faz referência ao segundo tempo, “que é ligeiro demais”. A canção é uma analogia da vida por meio da figura do futebol. Há um nível literal da letra da canção, que é centrada no tema do futebol, e há um segundo nível de leitura, em que tudo se torna metáfora da vida humana. O futebol é uma grande metáfora da vida moderna e seus desafios, seus dribles, suas pressões e, é claro, sua beleza.

Em guarda! Aguarda! Se guarda pro segundo tempo. / Segura o ponteiro, que o tempo e ligeiro demais. / Retoque no toque, provoque subconsciente. / Parte do anonimato e entre em cartaz. / Passa da defesa, ataque com jogo de corpo, sai da marcação. / Sai com a bola dominada, a galera gostou. / Abre o jogo pela ponta, senão desaponta a sua multidão. / Foge da nossa garganta o grito de gol

De novo o clímax da canção é o grito de gol, que repetidamente parece soar como outro imperativo, desta vez em língua inglesa: “Go! Go! Go!”, que traduz o verbo ir. A canção é, portanto, um chamado ao movimento, à ação imediata e a tudo o que sugere a grande metáfora do futebol. Mas até aqui, o grito de gol foge da garganta. Se a canção terminasse aí, não haveria festa, apenas tensão. É então nos últimos versos que surge o momento de glória: “Sai com a bola dominada, levanta a cabeça, foge à marcação. / A galera ouriçada já se levantou. / Abre o jogo pela ponta, faz a lei da conta, solta a criação. / Explode da nossa garganta o grito de gol”.

Em seu livro sobre o futebol, intitulado *Veneno Remédio*, José Miguel Wisnik mostra o quanto da cultura brasileira pode ser lida e expressa pelo jogo do futebol. No início do livro, Wisnik faz lembrar o pensamento de Pier Paolo Pasolini, “que dizia que o futebol é uma linguagem”, para ao fim afirmar que, se havia na Europa um futebol jogado em prosa, havia no Brasil um futebol “jogado como poesia”. E o livro segue celebrando a criatividade e a beleza do futebol jogado no Brasil, sobretudo na década de 1970 ou antes. Seu argumento principal é que o futebol absorve e expressa a cultura, no caso, nossa cultura fascinada pelo drible, pelo gingado, enfim pela arte. Essa mesma paixão se encontra na canção e na vida do Mestre João. Ele conversava, filosofava e escrevia sobre o futebol. Frequentemente vestia camisas do Botafogo, seu time do coração, símbolo da resiliência da estrela solitária. Aquele futebol que ele amava não é o que hoje vemos, das torcidas violentas, da rivalidade insuperável, ou da agressividade

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

sem limites. Não é o espaço do racismo ou da competição que busca apenas resultado, isto é, a vitória, mas é sobretudo resistência, humor, arte, festa, uma dramatização estetizada do que seja nossa vida social. Ainda assim, mestre João ficaria muito feliz agora em 2024 (data da publicação deste artigo), pois o “glorioso” Botafogo acaba de ser campeão da Copa Libertadores da América pela primeira vez.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossos encontros com o João, sempre falávamos sobre futebol, literatura, política, questões de linguagem e música. Ele sempre tinha uma dica de autor, uma curiosidade linguística sobre pronúncias do espanhol ou nomes de lugares para visitarmos no Rio de Janeiro.

(Richarles) Quando em 2012 o time do Corinthians foi campeão mundial, ele comentou em tom profético que o então treinador Tite seria técnico da seleção brasileira de futebol; assim aconteceu. Certa feita, tentei fazer uma piada com o Botafogo dizendo a ele que seu time era o “PutFire”. Mestre João fez cara feia e disse que eu não levava jeito para piadista... demos boas gargalhadas. Ele tinha um repertório literário invejável, sobretudo de autores latino-americanos, mas principalmente da literatura brasileira. Quando eu dizia que gostava de ler Edgar Allan Poe, ele me apresentava Rubem Fonseca.

(Gladir) Certa vez, propus a ele que escrevêssemos uma canção juntos, uma parceria para celebrar nossas afinidades e nossa amizade. Ele topou. Sempre que nos encontrávamos, falávamos sobre isso. Ao final, sua morte repentina nos pegou de surpresa. A canção não chegou a ser escrita. Isso lembra a canção *Sinal Fechado*, de Paulinho da Viola. São dois amigos que se encontram por acaso diante de um semáforo, cada um em seu carro, e conversam sobre a correria e os desencontros da vida. Prometem se ver, mas o sinal está para abrir. Ao final, “Por favor, telefone, eu preciso beber / Alguma coisa rapidamente / Pra semana, o sinal / Eu procuro você, vai abrir, vai abrir / Prometo, não esqueço / Por favor não esqueça, não esqueça / Não esqueço, adeus”.

Há outros aspectos que poderiam ser lembrados e melhor analisados em relação à biografia do Mestre João, como sua relação de conhecimento enciclopédico com o futebol, ou até mesmo relatos de pessoas que outrora foram seus alunos. Contudo, por uma questão de espaço e tempo, escolhemos tratar de seu vínculo com a educação e com o samba neste texto de homenagem.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O Bem Viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Trad. Tadeu Breda. 2.ed. São Paulo: Autonomia Literária, Elefante, 2016.

ANDRADE, Carlos Drummond. **Antologia Poética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo por Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base nacional comum curricular**. Brasília, 2017.

CABRAL, Sérgio. **As Escolas de Samba do Rio de Janeiro**. São Paulo: Lazuli; Companhia Editora Nacional, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23.ed. São Paulo: Autores Associados; Cortez, 1989.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Revista em Aberto**. Brasília, ano 16, n. 69, p. 2-9, jan./mar. 1996. Disponível em: <https://emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368/2107> Acesso em: 25 nov. 2024.

MONTEIRO, João Francisco Marques. **As letras de canções brasileiras nas apostilas e nos livros didáticos**. 2013, 175 p. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Unesc, Criciúma (SC). Disponível em: <http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/2051/1/Jo%c3%a3o%20Francisco%20Marques%20Monteiro.pdf> Acesso em: 25 nov. 2024.

MONTEIRO, João Francisco Marques. **De verde e branco**. Disponível em: <https://youtu.be/ZmlFFJ7eaTo> Acesso em: 25 nov. 2024.

MONTEIRO, João Francisco M. **Isso é ser brasileiro**. Disponível em: <https://youtu.be/toLGL8vJBa4> Acesso em: 25 nov. 2024.

MONTEIRO, João Francisco M. **Uma canção assim**. Disponível em: <https://youtu.be/Lk0Bw1-YWD4> Acesso em: 25 nov. 2024.

MONTEIRO, João Francisco M. **Grito de gol**. Disponível em: <https://youtu.be/75A3KYfwBXo> Acesso em: 25 nov. 2024.

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 4.ed., 3.reimp. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. O inteligível, o interpretável e o compreensível. *In*: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (orgs.). **Leitura**: perspectivas interdisciplinares. 5.ed. São Paulo: Ática, 2004.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola**: uma perspectiva social. 17.ed. São Paulo: Ática, 2000.

TATIT, Luiz. **Estimar Canções**: Estimativas Íntimas na Formação do Sentido. Cotia: Ateliê Editorial, 2016.

TINHORÃO, José Ramos. **Os Sons dos Negros no Brasil**: Cantos, Danças, Folguedos, Origens. São Paulo: Editora 34, 2008.

WISNIK, José Miguel. **A Gaia Ciência**: Literatura e Música Popular no Brasil. Lisboa: Cadernos Ultramares, 2021.

_____. **Veneno Remédio**: o Futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

ANEXOS (letras das canções analisadas)

De verde e branco

Vesti verde e branco, botei panamá
Peguei meu tamborim
Cantarolei alguns versos, desci a ladeira
E entrei num botequim
Pra celebrar a amizade, agradecer esta vida
Adormecer a saudade, curar a ferida

Meti verde e branco, ganhei a cidade
Em toda roda cheguei
Falei de outros tempos, da mulher amada
Do mundo que um dia eu sonhei
Plantar a felicidade pra ter a fé revivida
Quero abraçar a verdade e encontrar a saída

Isso é ser brasileiro

Tem que suar a camisa, tem que fazer bem bonito
Tem que ser vitorioso mesmo ganhando no grito
Mesmo pegando pesado, abrindo espaço prum show
Todo dia obrigado a marcar o seu gol

Isso é ser brasileiro, é ter um toque de classe
No campo, na rua ou terreno, é ter na linha de passe
Isso é ser brasileiro, é ter um brilho de artista
É ficar sempre na mesma depois de tanta conquista

Tem que cortar um dobrado pelo lado mais difícil
Tem que já ter superado aquilo que é impossível
Tem que estar bem preparado para a visita imprevista
Tem que ser bem informado mesmo sem ter uma pista

Isso é ser brasileiro, é ter uma dose de humor
É ser bem verde e amarelo, é ser moreno na cor
Ser subdesenvolvido tendo riqueza de monte
É receber boa noite comendo embaixo da ponte

Uma canção assim

Uma canção assim faz abrir as janelas
O menino vai sorrir e a musa vem cantar
Uma canção assim faz brilharem as estrelas
Todo jardim vai florir e a lua vem brincar

Tantos risos, tantos brilhos se apresentam
Tantas bocas, tantas palmas, tanta emoção
Tantas cores, mil amores, tantos momentos
Tantos sentimentos cabem nessa canção

Uma canção assim traz o povo pra rua
O povo vai ter que ouvir, o coração vai falar
Uma canção assim diz que a vida continua
A esperança vai luzir e a cidade vai sonhar

Grito de gol

Vambora, simbora tocar, rola a bola pra frente
Pra frente que a gente nem sente o tempo passar
Estique do pique, não fique dando de presente
Pra trás e pro lado, a galera assim não vai gostar

Passa da intermediária, maneira arbitrária, mas tendo noção
Subindo pelas tabelas, tanto que tabelou
Faz a cabeça da área e vai chover na zona do agrião
Foge da nossa garganta um grito de gol
De gol, de gol, de gol, de gol, de gol
Go, go, go, go, go, go

Em guarda, aguarda, se guarda pro segundo tempo
Segura o ponteiro que o tempo é ligeiro demais
Retoque no toque provoque subconsciente
Parte do anonimato e entre em cartaz

Passa da defesa ao ataque com jogo de corpo, sai da marcação
Sai com a bola dominada, a galera gostou
Abre o jogo pela ponta senão desaponta sua multidão
Foge da nossa garganta um grito de gol
De gol, de gol, de gol, de gol, de gol

Sai com a bola dominada, levanta a cabeça, foge à marcação
A galera ouriçada já se levantou
Abre o jogo pela ponta faz a lei da conta solta a criação
Explode da nossa garganta o grito de gol
De gol, de gol, de gol, de gol, de gol
Go, go, go, go, go, go